

**A LINGUAGEM EXPRESSIVA E SUA INTER-RELAÇÃO
COM O CARNAVAL DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO
DA BARRA-RJ: BLOCO “INDIANOS”**

Jhonatan Martins (UENF)

jhonatan_martins19@hotmail.com

Lilian Sagio Cezar (UENF)

lsagio@hotmail.com

RESUMO

O carnaval do interior do Rio de Janeiro contextualiza-se como um fenômeno cultural mesmo com todas as transformações ao longo do tempo. Em São João da Barra, o bloco “Indianos” mantém-se como atrativo cultural durante os dias de folia, envolvendo diferentes personagens em suas ações para a realização do carnaval de rua, assim como a linguagem carnavalesca que possibilita a expressão corporal, visual e oral dos integrantes do bloco, contribuindo para a construção da identidade dos nativos e da tradição local. Esta comunicação tem como objetivo descrever a trajetória e a linguagem corporal dos integrantes do bloco “Indianos”, associado ao contexto do carnaval de rua do município de São João da Barra-RJ. Como estratégia metodológica, utilizamos pesquisa qualitativa a partir de revisão bibliográfica, descrevendo a história dessa importante manifestação cultural do carnaval do interior do Estado do Rio de Janeiro. Observamos que o bloco “Indianos” faz parte da tradição local e colabora com o desenvolvimento da linguagem corporal por meio da expressão e da performance dos foliões sanjoanenses durante o carnaval de rua, sendo uma característica específica do povo local.

Palavras-chave:

Bloco “Indianos”. Carnaval de rua. Linguagem corporal.

ABSTRACT

The carnival in the interior of Rio de Janeiro is contextualized as a cultural phenomenon even with all the transformations over time. In São João da Barra, the “Indianos” block remains a cultural attraction during the days of revelry, involving different characters in their actions for the realization of street carnival, as well as the carnivalesque language that enables body, visual and of the members of the bloc, contributing to the construction of the natives’ identity and local tradition. This communication aims to describe the trajectory and body language of the members of the “Indianos” block, associated with the context of street carnival in the municipality of São João da Barra-RJ. As a methodological strategy, we used qualitative research based on a bibliographic review, describing the history of this important cultural manifestation of carnival in the interior of the State of Rio de Janeiro. We observed that the “Indianos” block is part of the local tradition and collaborates with the development of body language through the expression and performance of Sanjoan revelers during street carnival, being a specific characteristic of the local people.

Keywords:

Body language. “Indians” block. Street carnival.

1. Introdução

São João da Barra⁵⁶ tem uma relação constante entre os nativos e a cultura, uma tradição de anos, como o carnaval de rua do interior, que mantém a tradição das agremiações que se apresentam na “avenida do samba”, sobrevivendo no tempo e as transformações culturais. O carnaval é uma verdadeira *ação coletiva* (BECK, 1977), envolve diversos personagens na sua realização, como: o poder público via políticas culturais, a organização e participação da população local, que tradicionalmente com sua criatividade dá um tom de alegria e vida à folia de rua.

Neste artigo, buscou-se focalizar na festa do carnaval, notadamente, o de São João da Barra, apresentado sua história e tradição; buscamos com isso descrever a trajetória e a linguagem corporal dos integrantes do bloco “Indianos”, associado ao contexto do carnaval de rua do município de São João da Barra-RJ. Para isso, realizou-se revisão bibliográfica sobre o tema, mapeamento da marcha rancho e *observação direta* da marcha rancho através do bloco “Indianos”.

O carnaval, aqui, é apresentado na condição de linguagem corporal e analisado mediante sua configuração enquanto corpo que expressa-se na avenida do samba e seu modo de constituir-se enquanto linguagem. O contexto escolhido para o aprofundamento das noções e percepções teórico-conceituais é o do desfile de rua do carnaval da cidade de São João da Barra, interior do Rio de Janeiro, mais especificamente o âmbito dos desfiles do bloco “Indianos”.

Inicialmente, apresentamos, de forma breve, a história e as expressões do carnaval de rua no Brasil, pois entendemos a importância de se ressaltar as primeiras manifestações carnavalesca no país e todo seu contexto histórico. Utilizamos a contextualização histórica embasada em grandes autores que abordam a temática do carnaval e suas vertentes que compõem a história do carnaval de rua.

⁵⁶ Município com população estimada em 36.102 habitantes (IBGE, 2019), localizado na região Norte Fluminense. Seus primeiros relatos de povoamento datam do início da colonização portuguesa no Brasil. Sua fundação ocorreu em 1676 quando o povoamento é elevado à Vila em 1850 torna-se cidade.

Logo em seguida, a partir dos registros históricos por meio de autores como: Tinhorão (1928), Cabral (1996) e Cunha (2001), os quais descrevem o carnaval do interior do Rio de Janeiro; relacionaremos com os primeiros registros do carnaval da cidade de São João da Barra, assim, fica perceptível o aparecimento do entrudo, das brincadeiras de rua, bailes de máscara e do carnaval de rua, os quais formam a identidade dos foliões sanjoanenses.

Por fim, apresentamos a tradição da marcha rancho, o bloco “os Indianos” na cidade de São João da Barra, elucidando fatos importantes sobre o carnaval do interior do Rio de Janeiro, destacando o bloco os “Indianos”. O bloco os “Indianos” permaneceu desde o seu início como bloco, com a marcha-rancho. Identificamos fatos importantes sobre o fundação do bloco e o fundador, o agente funerário Luiz Malvino, entre outros fatos que marcaram a história dos “Indianos”.

2. Breve histórico do carnaval de rua

A história do Carnaval foi marcada desde a sua oficialização pelas disputas entre a realização dos eventos em seus diferentes ambientes e classes sociais. Os bailes dos salões se transformaram em cortejos de rua quando a elite não quis mais deixar o ambiente nas mãos do povo. Assim, o entrudo inicia sua construção, que por diversas vezes no limite das janelas, com invasões dos espaços internos e externos quando a brincadeira se acirrava, ninguém segura os foliões.

O carnaval brasileiro partiu sempre de manifestações coletivas, com exceção dos mascarados e dos fantasiados presentes, em sua maioria, no século XIX. A presença do carnaval nas músicas José de Assis Valente (1908–1958) faz referência exclusivamente a essas formas de folia coletivas. Em certa medida, os mascarados e fantasiados, tendem a uma manifestação individual, pois são práticas, em sua maioria, únicas. Ou seja, não precisam de outros para obter sentido dentro do contexto em que se propõe a representar. Claro, a brincadeira individual não deixa de ter seu significado dentro da folia.

No século XX, a participação no carnaval de rua da população pobre, majoritariamente negra e mestiça, foi nos Ranchos e blocos carnavalescos, organizações baseadas na solidariedade grupal, com seus membros cotizando-se financeiramente, enfrentando dificuldades para a legalização de suas agremiações junto às autoridades policiais, pois na época

era necessário ter licença para desfilar. “Até o aparecimento das escolas de samba, o carnaval carioca – na área popular, naturalmente – era a festa mais caótica e violenta do mundo” (TINHORÃO, s.d, p. 78).

Mas, na verdade, só mais tarde, nas duas primeiras décadas do século XX, a música de carnaval fixará, manifestando-se, inicialmente, na forma de marchinha e marcha-rancho ou de samba, batucada e, com o surgimento das escolas de samba, na forma de samba-enredo⁵⁷. Tinhorão (idem) aponta o surgimento dos ranchos no mesmo viés que Gonçalves (2003), com o detalhe do surgimento da música junto a estes grupos:

Foram os ranchos que, ao adotarem a formação das procissões religiosas, instituíram um mínimo de disciplina em meio ao caos do carnaval, sugerindo desde logo à Maestrina Chiquinha Gonzaga, em 1899, a marcha *Ó abre alas*, declaradamente inspirada na cadência que os negros imprimiam à passeata, enquanto desfilavam cantando suas músicas “bárbaras”. (TINHORÃO, s.d, p. 119)

Eles guardavam uma distinção básica em relação ao cordão, “os ranchos desfilavam com enredos fixos que integravam o conjunto de componentes, ao passo que os cordões no máximo apresentavam uma cantiga unificada, composta para a ocasião especial” (CUNHA, 2001, p. 152).

Os ranchos cresceram em um processo natural, devido a sua melhor condição de representar o ideal de carnaval civilizado e moderno, oposto às formas adotadas pelos cordões e outros tipos de brincadeira. Ao contrário dos ranchos, aceitos de forma mais amigável, os cordões para poderem sair às ruas tinham que portar uma licença. Gonçalves (2003) aponta que os ranchos surgiram na última década do século XIX e, para muitos, sua criação é atribuída à figura de Hilário Jovino (1873-1933). Atribuiu-se ao baiano, Jovino, a adaptação dos ranchos de sua terra para o contexto carioca. O ápice desse processo seria a criação de um rancho carnavalesco, aproximadamente em 1893, inaugurando a tradição de sair com os ranchos no período do carnaval.

Os ranchos e cordões são, na verdade, blocos carnavalescos com organizações e, conseqüentemente, aceitações diferentes por parte da

⁵⁷ Vale ressaltar que na formação dos ranchos, música não era problema, na medida em que muitos dos participantes eram músicos das bandas militares e dos conjuntos de chorões que se estruturavam desde o final do século XIX.

imprensa e da elite. Enquanto o entrudo⁵⁸, os mascarados e o cordão foram atacados pela imprensa, os ranchos deram brecha para os críticos vislumbrarem uma evolução no carnaval do povo, através de um esquema de organização previamente montado, diferente do cordão que saía mais ao gosto do momento (CUNHA, 2001; SOIHET, 2008; GONÇALVES, 2003).

3. O carnaval de rua do interior do rio de janeiro de são joão da barra

O carnaval em São João da Barra usufruiu do entrudo, das brincadeiras de rua, dos bailes de máscaras, formando sua identidade que, ao longo dos anos, sofreu influências e mudanças importantes e grandiosas de características religiosa, jurídica e moral. Segundo Cabral (1996), o Entrudo foi trazido de Portugal no século XVII e perdurou até início do século XX. No século XIX surgem os Cordões, o Zé-pereira, as Grandes Sociedades e os Ranchos.

Há relatos dos primeiros registros conhecidos do carnaval sanjoanense que abordam como principal brincadeira o entrudo de acordo com a publicação do jornal Parahybano (1868). “Para o Entrudo – cera em pão, verdete, óleo essencial de alfazema. Vende-se na casa do Moraes”. No mesmo periódico, datado de 21 de fevereiro de 1868, temos alguns anúncios:

O entrudo exemplifica essa questão da diversidade social participando do carnaval. A brincadeira que vem de longa data no carnaval brasileiro, a partir das décadas de 1850 e 1860, atravessou uma grande parte do desenrolar da festa no país. O entrudo das ruas, tido como selvagem e anárquico, não era o mesmo dos salões. O entrudo era a expressão do extravasamento de recalques. Durante os três dias que antecederiam a *Quarta-Feira de Cinzas*, o tumulto dominava as ruas das cidades brasileiras. Na maior parte do tempo, ele foi ferrenhamente atacado pela imprensa.

O entrudo era, por assim dizer, contra o carnaval, não combinava com o elemento de sofisticação e civilização que o primeiro empunha. O

⁵⁸ Segundo Góes, “as festividades carnavalescas, chamadas de entrudo (palavra de origem latina que significa “entrada”), eram uma verdadeira guerra na rua em que as armas utilizadas variavam entre bisnagas de lata, cabaças de cera, chamadas também de limões de cheiro, farinha ou gesso, cartuchos de pós de goma, bombinhas de mau-cheiro, enfim, toda sorte do que se pudesse lançar nos transeuntes desavisados” (2002, p. 573).

entrudo, com a característica da diversidade, e as constantes tentativas, através da imprensa, de desmobilizá-lo, mostram a importância assumida pela brincadeira. Tendo em vista as diversas tentativas de deixar transparecer o significado que a festa tinha para o povo, sendo assim, uma manifestação cultural do povo e dele não podia ser tirada (CUNHA, 2001; TINHORÃO, 1928).

O entrudo não tinha rosto nem individualismos, uma brincadeira onde todos que saem as ruas estão sujeitos a ser molhados por uma vasilha ou seringa de água ou algum líquido mal cheiroso, a ser acertados por um limão de cheiro ou a outra pegadinha qualquer, seja voluntariamente ou não (CUNHA, 2001). A crítica ao entrudo vinha sendo deixada de lado no final do século XIX e, especialmente, no início do XX, para focar nas novas formas carnavalescas nascentes, os ranchos e cordões.

Para a imprensa, as mudanças nas formas de participação no carnaval eram positivas.

As transformações visíveis ano a ano em sua organização não eram vistas de forma negativa. Ao contrário, evidenciavam sua atualidade como forma carnavalesca, diferenciada dos ranchos dos Reis, pelo seu caráter profano, e do entrudo e dos blocos carnavalescos mais informais, tidos como grupos barulhentos e desorganizados. (GONÇALVES, 2003, p. 92)

O carnaval vai passar por outro momento a partir do final do século XIX e início do século XX, através do Entrudo, do Zé-pereira, dos Cordões⁵⁹ como o dos Velhos e dos Cucumbis, ambos com predominância negra (CABRAL, 1996). Nessa época, os foliões brincavam de maneira desordenada e mesmo violenta, e eram perseguidos pela polícia. Os Ranchos⁶⁰, fundado por negros e mestiços, porém bem organizados, assim ganhavam a tolerância das autoridades.

Segundo Soihet (2008), os cordões saíam em grupos de mascarados – palhaços, velhos, diabos, etc. – guiado por um mestre, com o apito e assim, liderava a todos. (...). “Os ‘velhos’ cantavam marchas lentas e

⁵⁹ O Entrudo e o Zé-pereira já entravam em decadência. Os Cordões, segundo Renato Almeida, em geral, eram grupos de mascarados, velhos, palhaços, diabos, rei, rainha, sargento, baianas, índios, morcegos, mortes etc. Vinham conduzidos por um mestre a cujo apito de comando obedeciam a todos. O conjunto instrumental era de percussão: adufos, cuícas, reco-reco etc. (ALMEIDA *apud* CABRAL, 1996, p. 22).

⁶⁰ Originários dos Ranchos de Reis do folclore nordestino (Tinhorão, s.d.), teve como um dos seus mais importantes organizadores, o negro pernambucano, criado na Bahia, Hilário Jovino Ferreira [1852-1933], influente na comunidade baiana do Rio e também “feito no santo”.

ritmadas, enquanto os palhaços cantavam chulas em ritmo acelerado. Nesse embalo, atravessavam as ruas nos dias e noites de carnaval” (SOIHET, 2008, p. 93).

Para Mendes e Júnior (2008) a chula⁶¹ é representada de forma ritualística:

[...] Nela não está inserido apenas canto e dança, melodia e expressão corporal. É também um canto de fé, de reverência às tradições e de saudações ao espírito. Nela está a essência de cada um, a ancestralidade histórica e genética, que somadas formam tudo o que somos hoje, como indivíduo e povo (MENDES; JÚNIOR, 2008, p. 21)

Os ranchos ficam em evidência no carnaval do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, os ranchos carnavalescos era um tipo de cortejo e era mais organizado e evoluído que os blocos e cordões de carnaval. O carnaval no Brasil acontece com muitas facetas e máscaras, além de aspectos ligados à ritualização e à individualidade de cada folião. Para Roberto DaMatta (1997):

No caso brasileiro, sabemos que tal individualidade é fortemente marcada pelo carnaval como um momento em que se pode totalizar todo um conjunto de gestos, atitudes e relações que são vividas e percebidas como instituindo e constituindo o nosso próprio coração. O carnaval está, portanto, junto daquelas instituições perpétuas que nos permite sentir (mais do que abstratamente conceber) nossa própria continuidade como grupo. (DAMATTA, 1997, p. 30)

Segundo DaMatta (1997), a transformação proporciona igualmente uma construção de coletividade diferenciada, assim, a ritualização ganha influência e papel importante na ação de comunicação simbólica para produzir e transmitir valores, em uma ligação entre ritual e poder. Os bailes carnavalescos, apesar do distanciamento das camadas mais populares, tiveram uma enorme importância para a formação do Carnaval Brasileiro. A principal delas foi a de fornecer à folia das ruas toda uma série de modelos a serem imitados e recriados pelos foliões que não tinham condições de frequentar as festas dos teatros e salões.

Para o autor Araújo (2003), ao citar o surgimento dos blocos e cordões, como um ponto para o início dessa festa com características brasileira. A cidade também se modificou fisicamente, criando novos

⁶¹ Compreende-se Chula como um tipo de samba de roda, observando os conceitos e a visão de Doring (2016) e Nobre (2009). Esta opinião contrasta com a de Roberto Mendes (2008), que considera que a Chula e o samba de roda são manifestações diferentes, inclusive crendo que a Chula é anterior ao samba de roda.

espaços para os desfiles e ajuntamento dos grupos, as ruas mais largas acompanharam as proporções que a festa ganhava à medida que os anos se passavam. Ao mesmo tempo, a modernidade trazia novamente a segregação do Carnaval e a exclusão do povo dos grandes espaços carnavalescos. Então, a formação dos cordões, blocos e ranchos que reuniam grandes grupos populares passaram a desfilar pelas ruas.

O carnaval também permite que diferentes atores sociais ganhem centralidade e notoriedade, como é o caso dos artistas plásticos, ferreiros, carpinteiros, mecânicos, escultores, costureiros, aderecistas, bordadeiras que produzem coletivamente a festa. No caso específico do carnaval sanjoanense, o espetáculo é realizado pela população local que desfila com suas fantasias, adereços e carros alegóricos confeccionados durante o ano anterior com término próximo aos dias de folia, além de utilizarem a rua para demonstrar sua relação com a festa (CAVALCANTI, 2006).

Portanto, o carnaval constitui um momento especial, um período em que o mundo social fica pleno de potencialidades e deixa de ser focalizado por meio de seus mediadores sociais ordinários (como profissão, bairro, riqueza, poder, etc.). “O carnaval (...) é, então, um período em que se ganha em liberdade e anonimato, vale dizer, em campo de manobra social” (DAMATTA, 1997, p. 163). Por fim, o autor ressalta ainda que mesmo no período carnavalesco podemos observar tensões e hierarquização entre os personagens praticantes da festa.

4. Bloco os “indianos”: ritual, linguagem e tradição

O carnaval é considerado como forma de comunicação perpetuada pelas sociedades, traz consigo uma série de concepções no seu fazer que foram historicamente construídas no seu contexto histórico. Desta forma, compreender o carnaval, o ritual e o corpo como linguagem é suma importância. O corpo, nesse ponto de vista, deve ser considerado como instrumento de linguagem corporal expressiva dos foliões desfilam pela escola, uma vez que a construção do conhecimento se dá pelas experiências dos participantes e as mesmas estão ligadas diretamente à ideia de sujeito-corpo. Se a base da comunicação é o uso, como explica Peirce (1977), a linguagem empreendida pelo corpo deve ter sempre como referência as aplicações simbólico-contextuais aos quais o mesmo está vinculada diretamente ao carnaval.

Segundo Mauss, em seu livro:

Sociologia e Antropologia” que referência à condição de uso do corpo mediante as necessidades demandadas pelo ambiente, sintetiza: “creio que a educação fundamental das técnicas [...] consiste em fazer adaptar o corpo a seu uso. (MAUSS, 2003, p. 420-1)

Deste modo, podemos entender que linguagem, corpo e uso são noções que se aproximam de forma íntima uma vez que, para Rodrigues (1975), o corpo é um complexo de informações que estão altamente codificadas e que variam de sociedade para sociedade, às quais lhe fazem constituir-se numa linguagem “tão coletiva como qualquer outra”.

Em São João da Barra, a festa do carnaval é uma das manifestações culturais e expressividade maior potência para o crescimento local, sendo importante para a cultura enquanto tradição, linguagem e expressão cultural do povo. O litoral sanjoanense é frequentado por turistas de todos os lugares, principalmente veranistas da cidade de Campos dos Goytacazes, muitos se deslocam para a praia no período do verão e do carnaval, muitos são proprietários de casas no município. Nesse período, aumenta a circulação de pessoas e intensifica as formas de sociabilidades entre os nativos e os veranistas.

O carnaval contextualiza o maior fenômeno cultural da cidade, mesmo com todas as transformações ao longo do tempo, mantém-se como forte atrativo de turistas durante os dias de folia. São João da Barra tem em sua manifestação carnavalesca uma série de características que ao longo do tempo foram se reinventando às novas ordens sociais e aos processos globais. O município teve seu carnaval de clube e, hoje, com forte expressão no carnaval de rua com mascarados, blocos de carnaval, desfile das escolas de sambas, trios elétricos e a música baiana que participam das atividades carnavalescas.

Desde a fundação dos “Indianos”, até os dias atuais, o bloco vem apresentando na avenida do samba um expoente crescimento enquanto bloco de carnaval. Segundo Joaquim, atual presidente da escola os “Indianos”, relata que em 1930, o agente funerário Luiz Malvino, criou o bloco os “Indianos” como bloco de salão, saindo da própria residência e fábrica de caixões, na Rua do Rosário, em frente à escola de samba “Congos” – onde hoje é sede da ENEL (Empresa Nacional de Energia Elétrica), atual fornecedora de energia elétrica do município.

O bloco os “Indianos” sempre participou das festas de salão na cidade vizinha, em Campos dos Goytacazes, até se tornar um bloco de rua com marcha rancho. Enquanto o entrudo, os mascarados e o cordão foram atacados pela imprensa, os ranchos deram brecha para os críticos

vislumbrarem uma evolução no carnaval do povo, através de um esquema de organização previamente montado, diferente do cordão que saía mais ao gosto do momento (CUNHA, 2001; SOIHET, 2008; GONÇALVES, 2003).

O bloco “os Indianos” esbanjava animação na avenida do desfile. Todos pintados de preto, “palhões” na cabeça, cintura, nas pernas, em todo o corpo, era sempre a mesma marcha, conhecidas nos dias atuais como “chefe indiano”. O primeiro carro colocado pelos “Indianos” foi em uma “carroça de burro” enfeitada de palha e uma rede atravessada com uma índia deitada. Esse bloco permaneceu até meados de 1958.

Por volta dos anos 1970, o carnavalesco Geraldo Costa, que é tio do atual presidente, Joaquim Moreira ou “Quinzinho”, como é conhecido na cidade, juntamente com sua equipe reorganizaram os “Indianos”. Destaca-se Luiz Malvino como fundador e autor da música do bloco⁶². Segue a letra da música do bloco carnavalesco “os Indianos”, que é tocada todos os anos desde a sua composição.

*Chefe indiano não chora
Tenha fé, tenha esperança
Aguenta a mão, rapaziada
Quem espera sempre alcança.
Sou indiano, sou indiano
Somos guerreiros, somos guerreiros
Batemos macumba, batemos macumba
Em qualquer terreiro
Chefe indiano,
Interesseiro,
Ele afirma ponto e desmancha ponto
Em qualquer terreiro.*

Segundo DaMatta (1997): “As fantasias distinguem e revelam, já que cada um é livre para escolher a fantasia que quiser” (DAMATTA, 1997, p. 60). Ao entrar em contato com a beleza e originalidade das indumentárias que a elite desfilava pelas ruas antes de entrar nos salões, o povo das cidades conheceria outro tipo de folia e associaria a ideia de fantasia à brincadeira carnavalesca. Assim, segue a tradição com fantasias do bloco os “Indianos” que são confeccionadas pelos próprios participantes, como acontece todos os anos, utilizando penas coloridas nas roupas, nos adereços de cabeça e nos carros. O bloco desfila sempre

⁶² Disponível em: <<http://www.sjb.rj.gov.br/noticia-2023/bloco-%E2%80%99Cos-indianos-%E2%80%9D-mantem-a-tradicao-do-carnaval-em-sao-joao-da-barra>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

deslumbrante e com muita empolgação, é notório que a maior preocupação não é trazer o luxo para a avenida e sim, ficar evidente a intenção de mostrar o bloco por meio da representatividade coletiva, força, coragem e alegria na avenida do samba.

Figura 1: Os “Indianos” na avenida do samba.



Fonte: Fernanda Amaral.

A imagem acima foi cedida por Fernanda Amaral, filha de João Antônio, que participou da diretoria do bloco os “Indianos” e foi é uma de nossas *interlocutoras*. Essa imagem que postada por ela na internet e explica quem são as pessoas da foto: o presidente da época João Antônio Gaiato – o índio de verde –, o tio dela Ivanildo Gaiato – o índio com roupa estampado – e o índio de calça branca, ela não soube dizer quem é. Segundo Fernanda, seu pai ficou a frente do bloco por mais ou menos uns 20 anos. Não soube informar quem tirou a foto ou ano exato, mas acredita que ter sido na década de 80, porque têm lembranças da época do pai no bloco que relaciona com sua infância.

Fernanda mencionou que antigamente no bloco os “Indianos” era composto somente por homens e os mesmos desfilavam na avenida do samba. Não era permitido que as mulheres participassem naquela época, entretanto, foi permitida a participação de uma mulher como porta-estandarte do bloco, pois a mesma tinha como responsabilidade carregar a bandeira do bloco na avenida. Esse período só permitia a participação dos homens, era visto como momento apenas deles brincarem o carnaval de rua sozinho, as esposas não tinham ciúmes por ser um bloco composto somente de homens.

A filha do João Gaiato destaca na foto as roupas diferentes, pois na época os integrantes recebiam roupas diferentes de acordo com a hierarquia que os mesmos ocupavam no bloco. Quanto mais tempo tinham de participação nos “Indianos”, “melhor” era a roupa. Assim acontecia com os índios chefes – pai de Fernanda, tios e os participantes mais antigos –; eles tinham um penacho grande e colorido, porque eram os índios chefes que organizam tudo relacionado ao bloco. Fernanda ainda explicou sobre as fantasias, disse que boa parte das fantasias, acessórios de mãos e cabelo eram produzidas pelo pai e sua família e posteriormente eram vendidas para sair na avenida do samba.

Fernanda contou que era muita diversão e alegria na avenida, lembrou até de um fato interessante que marcou os “indianos” e o seu pai, João Antônio Gaiato, que na época os participantes utilizavam pólvora, jogavam no caldeirão e acendiam – caldeirão esse que fazia parte do desfile – no momento a letra dizia: “Batemos macumba em qualquer terreiro...” assim como utilizavam lanças pontiagudas. Depois de um acidente com um dos integrantes com a pólvora, foi proibido usá-la na avenida e tiveram que mudar as lanças para cabos de vassouras pintados com ponta maleável, pois o acidente levou ao óbito do integrante que se acidentou com a pólvora. Assim, por conta do ocorrido, o pai de Fernanda deixou de colocar o bloco na avenida do samba e acabou sendo assumido por Quinzinho (ENTREVISTADA FERNANDA AMARAL, 2019).

Depois da morte de um dos integrantes, a escola ficou uns 3 (três) anos sem apresentar na avenida, retornando com o atual presidente, Quinzinho. Nesse momento, a escola permanece com a tradição da marcha rancho – a repetição da letra do bloco desde seu início de fundação, em 1930, até os dias atuais -, começou a colocar na avenida do samba de São João da Barra os carros alegóricos, as fantasias cada vez mais deslumbrantes e coloridas e as mulheres começaram a participar dessa grande festa que acontecia na avenida do samba, mas mantendo a diversão, alegria e fraternidade que os “Indianos” trouxe para todos os amantes do bloco.

O bloco de carnaval os “Indianos” passou por grandes mudanças, nossos interlocutores disseram que o envolvimento dos participantes se baseia no princípio de “companheirismo”. Percebe-se ainda em sua história a “família”, que sempre “encabeçam” e assume o papel do “chefe índio”, isso demonstra como esta tradição está centrada na reputação e

prestígio do parentesco, mantendo a história e a tradição da do bloco de carnaval com todo charme, glamour e elegância.

5. Considerações finais

As políticas culturais voltadas para a realização do carnaval de São João da Barra são importantes na continuação da tradição, além do fomento cultural, social, tradicional e econômico com foco na cultural local. O carnaval viabiliza a promoção e criação dos sujeitos ao meio que vive, como resultado, temos a apresentação luxuosa na avenida do samba. São João da Barra tem no carnaval a possibilidade de aplicar recursos para o desenvolvimento social, fomento à cultura e a tradição, com possibilidades manifestas de retorno para os municípios que participam.

A participação do poder público além de promover o carnaval, garante a questão da sobrevivência das escolas de samba e blocos de carnaval que dependem da municipalidade. Assim, ao promover o carnaval de rua, gera resultados significativos para a população e perpetuação da tradição local. Nota-se também que os comerciantes veem no carnaval uma oportunidade de atração de turistas, os quais investem seu dinheiro na cidade, aquecendo a economia e gerando um impacto positivo e significativo.

Percebe-se também o cenário nas ruas do carnaval do interior do Rio de Janeiro, em São João da Barra, ora pendia para o luxo e o sofisticado, com as Escolas de Samba Congos e Chinês, ora para as brincadeiras simples e descontraídas com os blocos de rua, o que acaba por mostrar a abrangência dessa festa de rua, que oferecia prazeres para quem participa e para todas as classes sociais. Por vezes, trocando de papéis, invertendo comportamentos e posições sociais, uns espelhando-se nos outros.

É notório que no bloco de carnaval os “Indianos” faz parte da tradição local do carnaval de São João da Barra e traz consigo a perpetuação da marcha-rancho, que deu origem ao bloco e continua até os dias atuais. O bloco também contribuiu na formação de uma identidade dos foliões, que é fortalecido e revitalizado com a participação de todos anualmente. Por consequência, os “Indianos” seguem as origens de seus antepassados e perpetuam com os novos integrantes trazidos por aqueles que amam o carnaval de rua.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Hiran. *Carnaval Seis Milênios de História*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

ARÉVALO, Javier Marcos. *La tradición, el patrimonio y la identidad*. Disponível em: http://www.dipbadajoz.es/publicaciones/reex/rcex_3_2004/estudios_02_rcex_3_2004.pdf. Acesso em: 10 jan. 2018.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BECK, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CASCUDO, Luis da C. *Civilização e Cultura*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973. (V. I.)

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EdUFRJ. 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural, o direito à cultura*. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, Renata de Sá. Cronsitas, folcloristas e os ranchos carnavalescos: perspectivas sobre a cultura popular. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 89-105, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

MAUSS, Marcel. Noção de Técnica do Corpo. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENDES, Roberto; JÚNIOR, Waldomiro. *Chula: Comportamento traduzido em canção*. Salvador: Fundação ADM, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: um tema em debate*. 2. ed. Rio de Janeiro: JCM, [s.d.].

_____. *Pequena história da música popular brasileira*. São Paulo: Círculo do livro, [s.d.].

PARAHYBANO. São João da Barra-RJ, 07 de fevereiro de 1868.

_____. São João da Barra-RJ, 21 de fevereiro de 1868.

PEIRCE, Chales S. Escritos Coligidos. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Festas Populares. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs). *Noções Básicas de Folkcomunicação*. Ponta Grossa-PR: UEPG, 2007. p. 107-11